

## ELOGIO DO APRESENTANTE

DISCURSO DO DOUTOR PEDRO HESPANHA PROFERIDO NA SALA DOS CAPELOS POR OCASIÃO DO DOUTORAMENTO HONORIS CAUSA DO SENHOR JUAN SOMAVIA, DIRECTOR GERAL DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE TRABALHO

Magnífico Reitor  
Autoridades Académicas  
Autoridades civis e militares  
Senhores Doutores  
Senhores Estudantes,  
Senhores Funcionários,  
Senhoras e Senhores

A Universidade de Coimbra confere hoje o Doutoramento *honoris causa* a Juan Somavia, uma figura grada da diplomacia internacional, cuja biografia e *curriculum* acabaram de ser apresentados. Neste acto ele é apresentado por Jorge Sampaio, cidadão exemplar e eminente político, ex-Presidente da República Portuguesa e figura pública com elevado reconhecimento internacional.

É flagrante a proximidade dos traços de carácter, empenhamento cívico e postura perante a política destas duas personalidades públicas. Rectidão e prudência (esta entendida naquele sentido mais nobre de um saber reflectido), disponibilidade e entrega, republicanismo e sentido de Estado. Eis os pares de atributos que, reconhecidamente, partilham Juan Somavia e Jorge Sampaio.

Coube-me fazer o elogio de Jorge Sampaio. Embora o encargo tenha um lado canónico e ritual, seja-me permitido revelar um outro lado, mais informal e pessoal: a grande satisfação que esta oportunidade me dá de poder expressar a admiração que fui ganhando ao longo do tempo por esta figura de estadista com grandeza e de cidadão com causas que é o Dr. Jorge Sampaio.

A biografia intelectual de Jorge Sampaio corre de par com a sua formação política. Nascido em Lisboa em 1939, no seio de uma família de fortes convicções políticas e envolvimento cívico, pautada pelos valores da democracia, da justiça social e do serviço público, ele transportou consigo esta visão da vida política desde os tempos do liceu. Na suas próprias palavras, Jorge Sampaio afirma *"ter crescido em Portugal num tempo em que a democracia, a liberdade de expressão ou a igualdade de género não passavam de sonhos, quando lá fora, nos outros países da Europa e do mundo ocidental, a democracia e a modernização faziam parte do normal dia-a-dia"*. E desde cedo que ele teve essa experiência de viver fora do País, sobretudo nos Estados Unidos e em Inglaterra, por imperativo da carreira de seu Pai (ele também um exemplar benemérito do serviço público), o que se viria a revelar muito marcante para uma visão cosmopolita e pluralista do mundo e da política.

Em encontro recente e recordando o ano escolar que passou em Baltimore na sua adolescência, Jorge Sampaio refere o quanto, naquele tempo, lhe intrigou o processo pedagógico interactivo da escola americana e o modo como as crianças são ensinadas a exprimir os seus pontos de vista pela palavra ou pelo gesto de uma forma persuasiva. E confidencia: *"imaginem o desconforto de alguém que mal fala inglês e a quem pedem para falar*

aos colegas de aula sobre temas como o dos direitos humanos”<sup>1</sup>. É fácil perceber o fascínio que sobre ele devem ter exercido estas experiências de uma sociedade muito dinâmica, de um espaço público amplo e de uma vida política cheia de vitalidade e de sentido de empenhamento comunitário - multiforme e, frequentemente, de recorte ideológico contraditório -, e as marcas que elas devem ter deixado no seu carácter e na sua formação política democrática.

Enquanto estudante universitário Jorge Sampaio teve um papel destacado no movimento estudantil de combate à ditadura de Salazar e está na origem da contestação estudantil que viria a abalar os fundamentos do Estado Novo e a contribuir para a sua queda em 25 de Abril de 1974.

Mais tarde, como advogado, usou a sua profissão para defender a causa da liberdade e da democracia, numa altura em que era incómodo e perigoso afrontar o regime. Notabilizou-se, nomeadamente, como defensor de presos políticos, na barra arriscada dos Tribunal Plenários.

A metamorfose marcelista do regime não o iludiu nem a sua perspicácia, nem o rigor das suas opiniões. Assim, ainda em 1969, apresenta-se como candidato a deputado à Assembleia Nacional, integrado nas listas da CDE, não desprezando esta oportunidade de reforçar a resistência antifascista e, ao mesmo tempo, de marcar a sua opção por uma via de redemocratização que privilegiava o envolvimento das organizações de base em vez da liderança de elites políticas oposicionistas autosuficientes quanto ao seu esclarecimento democrático. Como se sabe, esta tentativa fracassou, por falta de seriedade eleitoral, mas nem por isso abrandou a acção de Jorge Sampaio, multiplicada por diferentes campos de intervenção.

---

<sup>1</sup> Jorge Sampaio, 2007, “The TB Frontier: New Strategies, HIV Linkages, Threats, and Tools - The Global Effort”

Até à Revolução dos Cravos, Jorge Sampaio desenvolveu uma permanente actividade política e intelectual, que transparece na sua participação no movimento cine-clubista, na Pragma, na SEDES e na sua colaboração com publicações dissidentes como a *Seara Nova*, o jornal *República*, a revista *O Tempo* e o *Modo*. Mais tarde, já deposto o regime, continua a desenvolver intenso trabalho político, tendo estado ligado à criação de movimentos experimentais de inovadora intervenção democrática, como o Movimento de Esquerda Socialista (MES) e da Intervenção Socialista. Em Março de 1975 é nomeado Secretário de Estado da Cooperação Externa, no IV Governo Provisório. Em 1978 adere, como outros dos seus companheiros políticos ao Partido Socialista, de que chegou a ser Secretário-Geral (de 1989 a 1991).

A sua trajectória política é bem conhecida e apenas darei dela uma síntese muito esquemática, realçando as três áreas de governação em que esteve investido em lugares cimeiros.

A nível parlamentar, Jorge Sampaio foi eleito Deputado ao Parlamento desde 1979 a 1991, tornou-se Presidente do Grupo Parlamentar do PS em 1987/88 e sendo, desde 1979 a 1984, membro da Comissão Europeia dos Direitos do Homem no Conselho da Europa, onde marcou posição de relevo na defesa dos Direitos Fundamentais e de uma aplicação mais dinâmica e progressista dos princípios constantes da Convenção Europeia dos Direitos do Homem. Por eleição da Assembleia da República, integrou o Conselho de Estado.

A nível autárquico, Jorge Sampaio foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, de 1989 a 1995, tendo, nessa qualidade, presidido à União das Cidades de Língua Portuguesa (de 1990 a 1995), ao Movimento das Eurocidades (1990), à Federação Mundial das Cidades Unidas (1992) e à União das Cidades Ibero-Americanas (1990).

Finalmente, a nível da magistratura suprema, Jorge Sampaio foi Presidente da República eleito em Março de 1996 e reeleito para um segundo mandato em 2001, em ambos os casos à primeira volta.

Como Presidente, Jorge Sampaio foi um Presidente "presente" e "próximo das pessoas". A sua presença mediu-se pela intervenção oportuna, pela palavra certa e pela acessibilidade. Naturalmente com acertos e desacertos; com aplausos e críticas, mas sempre com coerência e fidelidade aos valores supremos da democracia e da justiça. As palavras que exprimem estes valores por vezes incomodam, flagelam as consciências, obrigam a pensar, mesmo quando não se dirigem a ninguém em particular. Por isso, os seus adversários menos leais passaram a acusar o seu discurso de prolixo e ininteligível e tentaram obter eco no pragmatismo oportunista daqueles que não sentem o imperativo de se pautarem por valores e para quem todos os discursos que falem de valores e recusem a politiquice conjuntural ou os lugares comuns tecnocráticos, são naturalmente ininteligíveis ou, talvez melhor, pouco convenientes para que sejam entendidos... Curiosamente o Presidente responde com a diplomacia que se lhe conhece: "Para a minha geração, as maravilhas que nós celebrávamos eram mais políticas do que tecnológicas. Estávamos interessados na democracia, nos direitos humanos e nas liberdades cívicas".

Quanto ao atributo da proximidade às pessoas, ele sempre foi entendido por Jorge Sampaio, não como um expediente de consagração populista, mas como uma oportunidade de conhecimento "por dentro" e de valorização das experiências do cidadão comum. Ao falar olhos nos olhos com os portugueses nas inúmeras visitas que fez pelo país, ao convocar autarcas, técnicos e agentes locais para entender os problemas e as respostas, ao observar - muitas vezes emocionado - como vivem muitos concidadãos deixados para trás, o Presidente aprendia, exercitava e, ao

mesmo tempo, ensinava uma nova atitude política que parte de causas e pretende mobilizar conhecimentos e vontades para as transformar em acções concretas com efeitos reconhecidos pela população. Recordo, por conhecimento directo, o modo persuasivo e persistente como Jorge Sampaio envolvia os actores locais na busca de uma solução para os problemas que iam surgindo, num exercício extremamente pedagógico que consistia em liderar um debate em que todos os agentes relevantes se sentissem solidários e motivados para partilhar os seus conhecimentos e recursos num projecto colectivo comumente reconhecido.

Como ele próprio assumiu, as bases de uma acção política de sucesso, mesmo em tempos agitados e de mudanças rápidas, hão-de consistir sempre no diálogo, na liderança e na moderação. Tudo preceitos nascidos à flor dos problemas, na argumentação quente dos intervenientes directos, esclarecidos pela aprendizagem da prática da reflexão comum. Aí mesmo onde começa a democracia participativa e deliberativa, ainda tão pouco enraizadas entre nós.

MAGNIFICO REITOR, SENHORAS E SENHORES,

Tomarei um pouco mais da vossa atenção, agora, para apreciar a carreira internacional de Jorge Sampaio após o termo do seu segundo mandato como Presidente da República.

Pela sua defesa intransigente dos valores essenciais da democracia e denúncia das situações de violência e inumanidade, Jorge Sampaio tem vindo a ser chamado a desempenhar importantes cargos internacionais.

Em Maio de 2006 Jorge Sampaio foi designado Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas Kofi Annan para a Luta contra a

Tuberculose e, em 26 de Abril de 2007, foi nomeado, pelo Secretário-Geral das Nações Unidas Ban Ki-moon, Alto Representante para a Aliança das Civilizações.

Quanto ao primeiro cargo, ocorre-me sugerir que a consciência do drama das populações martirizadas pela tuberculose e a vontade de se envolver numa acção pública para o denunciar foi herdada, por certo, de seu Pai, especialista de renome na área da saúde pública e, em particular, das doenças infecciosas e lutador infatigável pela generalização de cuidados de saúde de qualidade a todos, designadamente na area da prevenção de que se ocupa a saúde pública.

Diz Sampaio: *“... o drama é que há um círculo infernal da pobreza e das doenças, de que o HIV-SIDA e a Tuberculose constituem exemplos paradigmáticos. Nos países em desenvolvimento, as doenças como a Tuberculose têm um efeito sócio-económico devastador, minando a sustentabilidade do desenvolvimento a longo prazo”. E interroga-se: “Ora, não será menos dispendioso quebrar este círculo vicioso do que alimentá-lo com mais mortes, mais pessoas doentes e mais pobreza? Ignorar os problemas não será tornar a sua solução futura ainda mais dispendiosa e improvável?”*

A paragem do crescimento da Tuberculose e a inversão da sua incidência até 2015 constam entre os Objectivos do Milénio (ODMs) e o cargo em que foi investido expressa a preocupação das Nações Unidas quanto à capacidade de os atingir e a percepção de que as resistências assumem uma natureza política. Para Jorge Sampaio, a realização dos Objectivos do Milénio (ODMs) em matéria de saúde exige um compromisso, que ele designa de tipo “glocal”, entre todas as partes interessadas - países em desenvolvimento e doadores, agências, fundações, sector empresarial, ONGs e sociedade civil em geral. Em vez de uma proliferação desordenada

de iniciativas, programas e acções, só o recurso a uma Parceria Global, dotada de mecanismos próprios, tornará possível *“assegurar uma adequada coordenação da ajuda Internacional nesta área, evitando redundâncias e lacunas, eliminando contradições, incoerências e desperdícios”*. Mas isto não basta: *“é indispensável assegurar uma apropriação precoce dos programas de ajuda internacional por parte das autoridades dos países destinatários e velar pelo seu perfeito entrosamento com os Programas nacionais de Saúde”*, ou seja, é preciso captar os governos e levá-los a inscrever nas suas agendas políticas e à escala local os objectivos acordados.

Existe, neste domínio da saúde pública, um problema de diversidade socio-económica e cultural que dificulta a intervenção e que Jorge Sampaio não ignora, porque bem o conhece da sociedade portuguesa. Por isso, a experiência portuguesa do pós-25 de Abril é tida em conta ao recomendar às autoridades nacionais responsáveis pela área, que estejam desde a primeira hora associadas à concepção, implementação e avaliação dos programas de cooperação internacional, assumindo uma clara co-responsabilidade pelo seu sucesso.

Ao aceitar a sua missão de Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas Jorge Sampaio sabe que a tuberculose tal como outras pandemias das mesmas proporções à escala mundial é mais de que um atroz problema de saúde, é um escaldante problema político e está fortemente imbrincado no círculo vicioso da pobreza e do subdesenvolvimento. Mais, ele sabe também que esse é um problema que a globalização está a trazer de volta até aos países mais ricos. Mas, mais do que isso, sabe que ele – como outros flagelos do género – podem fazer regredir as conquistas civilizacionais da polis ocidental – os direitos humanos e a igualdade. *“Como qualquer outra doença a Tuberculose é uma*



*questão de direitos humanos. O que está em causa é o direito de proteger e de ser protegido. Além disso, atacar a Tuberculose é uma verdadeira urgência humanitária*"<sup>2</sup>.

Jorge Sampaio tem a noção de que não só é preciso mais investimentos na inovação como também – como em quase tudo num mundo naturalmente desordenado - mais liderança política e mais intervenção que alargue a democracia, combatendo as desigualdades instaladas e pujantes. Daí os seus apelos à comunidade internacional e aos governos: Primeiro, para que se reforcem os sistemas de saúde; segundo, para que reforcem a cooperação com África em matéria de saúde pública; e terceiro, para que melhorem o sistema de ajuda internacional em matéria de saúde. E para que se possa concretizar este desígnio Jorge Sampaio avança junto da OMS com a sugestão de se organizar uma reunião de alto-nível, sentando à mesma mesa as agências competentes das UN, as principais instituições doadoras, fundações e representantes dos Estados mais afectados pelas pandemias da Tuberculose e do HIV-SIDA para delinear uma estratégia comum com vista a garantir a realização do ODM relativo à Tuberculose, sem esquecer a questão da abordagem integrada do HIV-SIDA-TB<sup>3</sup>.

O segundo cargo internacional em que foi investido, o de Alto Representante para a Aliança das Civilizações, foi-lhe cometido pelo Secretário Geral devido à sua especial capacidade de visão e de liderança para promover a Aliança das Civilizações como uma tentativa credível e viável para diminuir as tensões perigosas entre várias sociedades e, assim, a sua ameaça à estabilidade internacional. Na decisão da escolha pesou decerto o papel persistente do Presidente Sampaio, bem notório na cena

---

<sup>2</sup> Jorge Sampaio, 2008, "Address To the Global Fund"

<sup>3</sup> Jorge Sampaio, 2007, "The TB Frontier: New Strategies, HIV Linkages, Threats, and Tools - The Global Effort"

internacional, na defesa do direito do Povo de Timor-Leste a dispor de si próprio.

A Aliança para as Civilizações tinha sido estabelecida em 2005, por iniciativa dos governos da Espanha e da Turquia, sob os auspícios das Nações Unidas, com a finalidade de melhorar a compreensão entre culturas e religiões e, dessa forma, contrariar a polarização e o extremismo que o senso comum dominante elegera como um suporte de eleição para a explicação simplista e branqueadora de conflitos de origens muito mais complexas e, frequentemente, incómodas. A Aliança consiste hoje numa comunidade de mais de 90 países membros e organizações internacionais, que procuram fazer a ponte entre sociedades em conflito para promover a confiança e a compreensão mútuas. Actuando particularmente no foco de tensão entre muçulmanos e ocidentais, a Aliança ajuda a impulsionar projectos que reduzem a polarização política e cultural, procurando amplificar as vozes de moderação e de reconciliação e contribuir para a acalmia das tensões culturais e religiosas.

Jorge Sampaio tem cumprido a sua missão – que muitos classificarão de quase impossível - orientando-a para a promoção da participação activa da sociedade civil em iniciativas que fomentem o entendimento e a reconciliação entre culturas a nível global e, particularmente, entre as sociedades Muçulmanas e Ocidentais, afim de que a própria comunidade, em vez de se estilhaçar ao sabor dos clichés e das imagens enviesadas induzidas, possa antes libertar-se delas, retomar a serenidade reflexiva e desempenhar um papel de “diplomacia preventiva” na resolução de conflitos e na consolidação da paz. Na base desta postura está a sua convicção bem radicada de que a globalização, o papel ressurgente de um militantismo religioso estreito e um choque de civilizações, interessadamente promovido, mais do que diagnosticado com rigor,

constituem hoje o maior desafio das nossas sociedades, pelo risco de corrosão da paz e da estabilidade que acarretam.

Para fazer face a estes riscos, Jorge Sampaio defende que *"a diversidade cultural deve ir de par com a protecção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, igualdade de oportunidades para todos, solidariedade económica e coesão social"*.

Em discurso recente perante o Parlamento Europeu<sup>4</sup>, Jorge Sampaio teve a oportunidade de apontar as particulares virtualidades e também responsabilidades da Europa nesta questão do diálogo entre civilizações. Ora, reconhece Jorge Sampaio, é precisamente neste Continente onde, durante séculos, muitos contactos construtivos com outros povos e outras culturas permitiram à humanidade dar significativos passos em frente, que mais oportunidades de reconciliação existem hoje. Porém, reconhece em outro lugar, uma Europa como um lugar onde possamos viver com outros como iguais requiere uma cidadania cada vez mais inclusiva e uma melhor governação das diversidades culturais. A discussão que se fez em torno do preâmbulo da Constituição Europeia ou da entrada da Turquia na União mostra bem como ainda existem inúmeros obstáculos e incompreensões. Jorge Sampaio insiste na mobilização dos governos, pressiona as instituições europeias, sugere formas de promover a boa governação da diversidade intercultural, propõe a criação de uma União para o Mediterrâneo, desdobra-se entre acções de persuasão e iniciativas concretas de diálogo no terreno.

Este é o combatente de causas que conhecemos desde a juventude. O passado de lutas fortaleceu-lhe a crença na capacidade de os povos construir futuros melhores, de se despojarem das sequelas de um passado

---

<sup>4</sup> Jorge Sampaio, 2008, "Address to the European Parliament", Strasbourg (October, 22)

de perseguições e intolerância, de reconstruírem laços de sã convivência com gente diferente, em vez de fechamento xenófobo.

A sua enorme lucidez e a capacidade aguda de detectar as mudanças nas sociedades contemporâneas, permitiu-lhe antever, desde muito cedo, a importância de alguns fenômenos que hoje afligem a humanidade, como é o caso da crise financeira mundial. Há 8 anos atrás, quando visitava a sede da OIT em Genebra, Jorge Sampaio afirmou:

“Não quero deixar de afirmar que me parece necessário desenvolver no seio de organizações internacionais, como a OIT e outras, o debate aprofundado sobre os modos de regulação dos mercados internacionais de capitais face a alguns movimentos que são de natureza eminentemente especulativa. Sabe-se que eles têm sido responsáveis por choques e perturbações na economia e nos sistemas de emprego com repercussões sociais de enorme gravidade.”<sup>5</sup>

Para Jorge Sampaio o papel do Estado não se reduz ao de garantir a competitividade das empresas nacionais no mercado mundial, nem ao de promover a instalação das firmas transnacionais a qualquer custo. Ele tem de velar também pela qualidade do emprego, pelos direitos dos trabalhadores e pela justiça social. Se assim não for, *“as disfunções da economia de mercado, com o desemprego de massa e a reprodução de fenômenos de exclusão”*, poderão *“pôr à prova os limites de tolerância dos nossos regimes democráticos”*. Sobretudo porque, como uma vez denunciou com uma serenidade desarmante, *“bem vistas as coisas, são sempre os mesmos os que pagam as crises”*. Outra expressão, Senhoras e Senhores, inegavelmente ininteligível...

---

<sup>5</sup> Jorge Sampaio, 2000, “Discurso de Abertura da Sessão Especial da 88ª Conferência da OIT” (Genebra, 5 de Junho)

## MAGNÍFICO REITOR

Acabo de expôr perante Vossa Excelência e o Claustro Doutoral o que todos já sabíamos: que Jorge Sampaio é um homem que tem dedicado a sua vida ao serviço da *res publica*; que é um cultor da democracia e um defensor estrênuo dos direitos humanos; que é um intelectual comprometido com os valores da cultura, da ciência e do humanismo; que é um advogado generoso e prestigiado pelos seus pares, enfim, que é cidadão empenhado desde sempre na luta pela liberdade,

Estou certo de que retrato do elogiado pecou por defeito, decerto por falta de arte e de tempo por parte de quem o fez, mas as qualidades postas em destaque são de sobra para cunprir os exigentes padrões universitários para quem se dispõe a apresentar um novo doutor.

Estão perante vós o candidato Juan Somavia e o seu apresentante Jorge Sampaio. Ambos partilham o mesmo ideal democrático e o mesmo empenhamento pelos valores da dignidade da pessoa humana, de justiça social e de respeito pelos direitos dos trabalhadores. Rogo, pois, Magnífico Reitor, a concessão do grau de doutor pela Faculdade de Economia ao Senhor Juan Somavia.